

FLUXO DE TEMPORALIDADES NO LIVRO ILUSTRADO: RECURSOS NARRATIVOS E GRÁFICOS NA REPRESENTAÇÃO DO TEMPO NÃO LINEAR

TEMPORALITY FLOW IN PICTUREBOOKS: NARRATIVE AND GRAPHIC RESOURCES IN NONLINEAR TIME REPRESENTATION

Recebido: 18/12/2019 | Aprovado: 30/03/2020 | Publicado: 10/07/2020

Júlia Parreira Zuza Andrade¹

Resumo: O presente artigo propõe uma análise das estratégias verbais, gráficas e imagéticas da quebra de linearidade do tempo no livro infantil que podem ser exploradas por mediadores de leitura. Uma vez que o livro para crianças é constituído majoritariamente por ilustrações e o livro ilustrado é um gênero composto pela interação de imagem, texto e suporte, faz-se necessário investigar em qual medida os elementos constituintes da obra, como capas, tipografia e paleta cromática podem indicar quebras na suposta linearidade temporal da narrativa. Como estudo de caso, o livro ilustrado *Depressa, Devagar* (2013) da editora portuguesa Planeta Tangerina será analisado nas três linguagens citadas. A partir de contributos teóricos do design, ilustração e livros para infância, pretende-se aumentar a possibilidade de interpretação dos livros ilustrados e discutir como as modalidades editoriais mais recentes trazem novos desafios e novas abordagens para os agentes de leitura, seja em sala de aula, bibliotecas ou outros espaços de leitura partilhada.

Palavras-chave: Materialidade. Livro ilustrado. Ilustração. Literatura infantil. Mediação.

Abstract: This article proposes an analysis of the verbal, graphic and imagery strategies of the break in linearity of time in children's books that can be explored by reading mediators. Children's book is mostly composed of illustrations and picturebooks are composed of the interaction of image, text and support. It's necessary to investigate what of their constituent elements, such as covers, typography and color palette may indicate breaks in the supposed temporal linearity of the narrative. As a case study, the picturebook *Depressa, Devagar* (2013) of the Portuguese publisher Planeta Tangerina will be analysed in the three mentioned elements. Based on theoretical contributions from design, illustration and books for children, we intend to increase the possibility of interpretation of picturebooks and discuss how the most recent editorial modalities bring new challenges and new approaches to reading mediators, whether in the classroom, libraries or other shared reading spaces.

Keywords: Materiality. Picturebooks. Illustration. Children's literature. Mediation.

Monstro de duas cabeças, danação e salvação – o Tempo
Samuel Beckett

Introdução

¹ Bolsista CAPES 1858/2015-07 no doutorado em Materialidades da Literatura na Universidade de Coimbra (Portugal) e Mestre em Literatura pela mesma universidade. Possui artigos publicados sobre literatura infantil, materialidade, leitura de imagens. E-mail: juliazuz@gmail.com

O excerto de BECKETT (2009) lança luz no caráter não unívoco do tempo, pois carrega em si diferentes perspectivas que, se não criam uma aporia, exprimem os movimentos duplos que parecem situar e situar o tempo num labirinto complexo. A fim de explorar o objeto, percebendo suas idiossincrasias, faz-se válido perceber como alguns mecanismos utilizados no livro infantil, mais especificamente no livro ilustrado, podem indicar pontos que problematizam a sua linearidade. Assim, a temporalidade abre-se para leituras interdisciplinares que tentam abarcar mais facetas e parece ser produtiva para ser explorada com leitores iniciantes em função de suas possibilidades artísticas.

O campo da literatura traz contributos para a fragmentação do tempo cronológico. Os estudos de GENETTE (1995) sobre a narrativa mostram a multiplicidade temporal entre instâncias do texto, como o tempo da história, tempo do discurso e tempo da narração. O tempo do discurso pode ser entendido sob certa perspectiva como linear, uma vez que precisa ordenar o enunciado desenvolvido para transmitir a história na forma de linguagem. Já a narração volta-se para o ato narrativo, para o ato de narrar em si mesmo. Dito isso, três tempos coexistem no texto literário e muitas vezes se chocam na apresentação da ordem dos acontecimentos. Para fins de estudo, o tempo da narrativa (discurso) será o enfoque do trabalho, pois segundo NUNES (1995) o discurso oferece a configuração da narrativa como um todo de significados, como a história, a transmissão dos acontecimentos e suas relações, impondo à narrativa um limite de inteligibilidade cronológica e lógica.

A tessitura de diferentes tipos de tempo deixa entrever que o conceito de linearidade na narrativa passa a ser revisto, pois a temporalidade desdobra-se em múltiplas direções. Assim pode haver distorções e alterações temporais, como a analepse (rememoração) e prolepse (adiantamento) que mostram as relações entre passado/presente/futuro expressas nas obras literárias.

Fissuras na linearidade temporal no livro ilustrado

Se a reflexão sobre a quebra da linearidade temporal for levada para o livro ilustrado contemporâneo (preferencialmente endereçado à infância), nota-se uma interessante bifurcação em linguagens, uma vez que o livro é constituído de

maneira estrutural pela intersecção de imagens, texto e suporte. Diferentemente do livro com ilustrações, as imagens no livro ilustrado não desempenham um caráter acessório ao texto, numa função especular das palavras. O livro ilustrado é construído no cruzamento entre os três códigos citados e cada uma das partes desempenha uma função que só pode ser compreendida quando lidas ao mesmo tempo. Assim, é possível pensar que a leitura de um título passa a ter seu alcance alargado via a crescente importância das ilustrações e outros códigos que perpassam a obra literária, como o design e a materialidade do suporte. Elementos como tipografia, mancha gráfica, gramatura do papel, formato, técnicas de ilustração não podem passar despercebidos na leitura do livro ilustrado, pois são aspectos constituintes de sua natureza.

A multimodalidade constituinte desse tipo editorial coloca as imagens e as palavras em um permanente jogo dinâmico, em que os espaços de significação deixados pelo código textual são complementados pelo código imagético e vice-versa. “O que resulta desta oscilação entre sistemas semióticos, prevalecendo uma interação intensificadora, é um ajuste e reajuste de interpretações que *per se* potenciam outras e renovadas relações de significados inesgotáveis” (SOTTO MAYOR, 2016, p. 153). Vale lembrar que a ilustração e o texto escrito possuem suas especificidades, expressando-se por meio de cores, formas no caso do primeiro e da fonética, métrica, dentre outros no caso do segundo (SOTTO MAYOR, 2016). Por articular texto e imagem, na construção de uma narrativa única, o livro contemporâneo, como elucida RAMOS (2011), apresenta algumas características marcantes, como o dialogismo, a intertextualidade, a ruptura e a subversão, além da implicação do leitor na construção do sentido da obra. Dessa forma, a tensão de sentidos conseguida pela relação dialógica entre as linguagens do livro ilustrado ganha uma maior complexidade quando o estudo se volta para a representação temporal.

Pensando nos livros de maneira mais orgânica, a análise da materialidade dos livros pode oferecer mais ferramentas ao trabalho desenvolvido pelos mediadores, entendendo que a função desempenhada por esses profissionais é de crucial importância para a transformação da leitura em um evento dinâmico que favorece o processo de aprendizagem e o prazer na leitura.

Um tempo só para mim: cruzamento de temporalidades em *Depressa, devagar*

A fim de enriquecer a discussão e colocar em relação as teorias sobre o tempo – sobretudo a noção de tempo não linear – advindas do livro ilustrado, será feita a análise do livro *Depressa, devagar* (2013), de autoria da escritora Isabel Minhós Martins e do ilustrador e design gráfico Bernardo Carvalho da editora portuguesa Planeta Tangerina². O título da obra já apresenta noções de ritmos de tempo ora mais rápido ora mais lento. É narrada a história de um menino que desde o momento em que acorda até ao anoitecer escuta de familiares, professores e outros personagens (em sua maioria adultos) diferentes ordens de como agir em determinadas situações. O livro é construído a partir do jogo entre as palavras ‘depressa’ e ‘devagar’ e são mostradas diferentes velocidades de tempo em frases, como “Devagar, trabalha com mais doçura... Mas depressa, para ainda secar a pintura” (p. 18-19) (Fig. 1).



Depressa, devagar. (Fig. 1)

A capa (Fig. 2) introduz os tempos que serão tratados no livro, uma vez que há sobreposição das imagens, recurso bastante utilizado na narrativa. São duas imagens do protagonista, sendo a da esquerda desenhada apenas com o contorno

² A editora Planeta Tangerina foi criada em 2004 na cidade de Carcavelos (Portugal) e é voltada para produção de conteúdo editorial educativo e literário. Especializada em livros ilustrados, é formada por uma equipe fixa de cinco profissionais (escritores, designers e escritores). Em 2013 foi eleita melhor editora europeia para crianças e jovens da Feira do Livro Infantil de Bolonha.

e a da direita desenhada e preenchida com tinta cor-de-rosa. As ilustrações não estão totalmente separadas, já que parte da cabeça das duas imagens está colocada uma sobre a outra, dividindo o mesmo espaço. A sobreposição das ilustrações continua no decorrer da narrativa como nas sequências 6 e 7, 16 e 17 e 20 e 21, dando a perceber a simultaneidade dos planos temporais na narrativa que rompem a sucessão cronológica contínua.



Depressa, devagar. (Fig. 2)

Para retratar as fissuras no tempo linear que acontecem durante um dia (tempo da história), as três dimensões do livro ilustrado foram exploradas: imagens, texto e suporte. Iniciando pela linguagem imagética, LINDEN (2011) comenta que uma imagem fixa não poderia, *a priori*, expressar o tempo, porque não conseguiria transmitir a ideia de sucessividade nem linearidade, mas poderia sugerir uma evolução temporal. E para retratar esse desenvolvimento no tempo em imagens congeladas, alguns recursos como representação de ações podem ser utilizados. Retornando à ilustração da capa, é possível ver linhas de movimento no menino da direita sugerindo que o corpo está em deslocamento, numa técnica chamada de sucessão simultânea. Para NIKOLAJEVA e SCOTT (2011), esse recurso retrata uma sequência de imagens de um mesmo personagem em momentos distintos, mas que se lidos em conjunto, formam uma ordem. Dessa maneira, como a capa traz a imagem do mesmo menino em duas posições diferentes – o da esquerda está sentado e o da direita está correndo – e o livro trabalha com a ideia de diferentes ritmos, é possível pensar que as duas ações estão acontecendo de

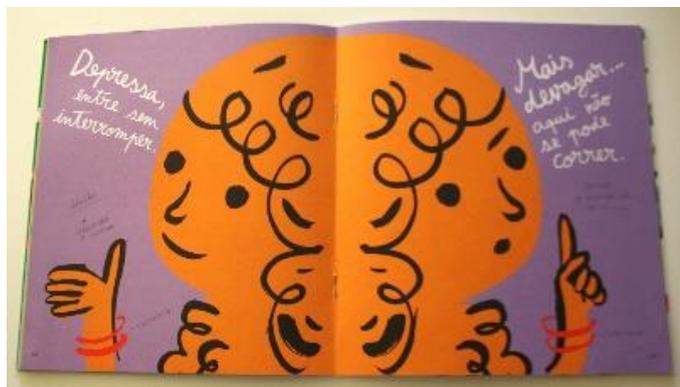
maneira concomitante: o menino encontra-se na bifurcação de dois tempos (um acelerado e outro lento) pois há a fusão das cabeças dos personagens. É sugerida uma ideia de impermanência, como se o presente fosse algo fugidio prestes a transformar-se em outra coisa.

A ideia de trânsito e inconstância do tempo transmitida na capa e por toda a narrativa cria uma superposição de temporalidades, em que a alternância de compassos coexiste na rotina daquela criança. As imagens, acompanhadas do texto, sugerem uma sequência ainda que fragmentada em duas cadências, pois o livro começa com a ilustração do sol raiando³ e termina quando o menino volta para a casa e recebe seu pai, que provavelmente retorna do trabalho. Mesmo com as imagens indicando certa continuidade, é o leitor que preenche o lapso temporal entre elas, de acordo com LINDEN (2011). Como o livro em questão traz mais de um tipo de temporalidade, caberia ao público leitor o trabalho duplo de construir as sequências temporais de diferentes tipologias.

Para representar a multiplicidade dos tempos no livro ilustrado da editora portuguesa, irei analisar com mais profundidade a página dupla 14-15 (Fig.3). De maneira bastante interessante, Bernardo Carvalho explora a materialidade do livro ao representar os dois tempos distintos na mesma página, utilizando a costura do livro para criar as duas expressões faciais da criança. Do lado esquerdo, seu rosto está sorrindo com um semblante mais tranquilo e há a frase “Depressa, entre sem interromper” (14). Do outro lado é mostrado o menino com uma expressão de repreensão, pois sua sobrancelha está mais cerrada, a boca está fechada e sua mão possui o dedo indicador em riste, como se estivesse dando uma ordem. A página é acompanhada da frase “Mais devagar... aqui não se pode correr” (15). A divisão entre as duas maneiras de se perceber a mesma situação conecta-se com a percepção temporal defendida por KOSELLECK (2006), pois para o autor o tempo é constituído na modulação e no intercâmbio de temporalidades que “entrelaçam passado e futuro” (KOSELLECK, 2006, p. 308). A ilustração do menino dividido entre ‘depressa’ e ‘devagar’ denota uma experiência mais alargada com o tempo, situada na quebra de uma ordem temporal cronológica, em que o encadeamento

³ Segundo Nikolajeva e Scott (2011), ilustrar os ciclos da natureza é uma solução gráfica bastante usual para indicar a passagem do tempo nas narrativas visuais.

das ações alterna os duplos antes/depois, rápido/lento. E há ainda o duplo externo/interno, pois as alterações de tempo presentes na obra são de origem exterior à criança, vindas de pais, professores e outros adultos.



Depressa, devagar. (Fig. 3)

A relação estabelecida entre tempo exterior e interior do livro ilustrado em questão poderia sugerir uma aproximação com o conceito de ‘tempo da alma’ em Santo Agostinho. Para ele, esse tempo seria baseado na duração interior de imagens que se sucedem na alma do indivíduo, que ficariam gravados na memória:

É em ti, meu espírito, que meço o tempo. Não me objetes nada: é um fato. Não me objetes as ondas desordenadas de tuas impressões. É em ti, digo, que meço o tempo. A impressão que produzem em ti as coisas que passam persistem ainda que passam: essa impressão é que eu meço, porque está presente, e não as vibrações que a produziram e passaram. É ela que meço quando meço o tempo. Portanto, ou essa impressão é o tempo, ou eu não meço o tempo. (AGOSTINHO, 1964: 364)

É possível compreender, por meio da ideia de tempo qualitativo, que cada pessoa sente o tempo de maneira única. E as percepções temporais para o menino protagonista e para os adultos na narrativa são bastante divergentes; o tempo interior do menino nunca corresponde à expectativa dos adultos e ele recebe a todo momento ordens para acelerar ou diminuir. A primeira página do livro marca essa oposição: “Lá fora o tempo passa por uma máquina de contar que faz contas aos segundos e marca os dias sem enganar. Aqui dentro, os relógios não se preocupam em contar: ora andam distraídos quando há muito o que fazer, ora passam apressados quando não há tempo a perder” (2013: 4). O texto é todo

entrecortado por vozes externas que alteram a direção e modalidade do movimento do menino. A dualidade pode ser vista quando a criança está tomando café da manhã com seus pais. “Depressa, as torradas ficam frias. Devagar, o leite não virou por um triz...” (p.8-9) (Fig.4).



Depressa, devagar. (Fig. 4)

Pode-se inferir que o protagonista estava comendo em um ritmo mais devagar que o esperado para o horário e por isso (sua relativa lentidão poderia acarretar atrasos para pegar o ônibus para a escola, por exemplo) recebe a ordem para acelerar. Obediente aos pais, o menino agiliza a alimentação de tal maneira que escuta o comando oposto, para diminuir a velocidade senão iria entornar o conteúdo da caneca por estar tomando o leite de forma tão rápida.

As ilustrações mostram o rosto do menino em um enquadramento fechado, como o *close up* do cinema. Na linguagem cinematográfica, esse tipo de plano intenta produzir uma expressiva intimidade de quem está sendo retratado e criar uma relação mais próxima com o telespectador, como afirma KAVKA (2008). A proximidade emocional da técnica do cinema se relaciona com a ideia de mostrar o tempo psicológico do personagem, pois o tempo que rege o interior da criança não acompanha o relógio dos adultos, visto que o narrador diz: “Mas, lá fora, o tempo não aprecia passeios nem corridas....e, por isso, a toda hora grita palavras de ordem aqui para dentro: Depressa, Devagar. De manhã ao deitar, são estas as palavras que tomam conta do meu dia...” (2013: 5). Sem pretender realizar uma leitura psicológica ou sociológica da infância, a disparidade entre o ritmo da criança

e o dos adultos poderia indicar que, assim como tantos outros conceitos, a noção de tempo também é socialmente construída e fruto de componentes históricos, sociais, econômicos, dentre outros. Assim não há tempo único na narrativa e ele está sempre na iminência de acelerar ou diminuir.

O destaque que o tempo enquanto tema ganha em *Depressa, devagar* segue a esteira de parte considerável da produção literária atual. HEISE (1997) comenta que as mudanças na conceitualização ocidental do tempo foram alteradas pelo desenvolvimento tecnológico, sobretudo com o advento da *internet*. Ainda que autores como Thomas Mann (*A montanha mágica*), citado anteriormente, ou Virginia Woolf (*Mrs Dalloway*) tragam em suas obras uma construção temporal não convencional, o grande avanço para retratar o tempo na literatura infantil se deu a partir da década de 1980 – ainda que o uso do termo ‘era uma vez’ instaure uma suspensão temporal mágica na narrativa – em que os livros começam a apresentar complexas malhas temporais na narrativa, subvertendo a ideia de cronologia e desenvolvendo temporalidades paralelas, em que passado, presente ou momentos imaginários se encontram juntos. Dessa maneira, requisitam um instrumental de decodificação mais elaborado por parte de mediadores. Ainda sobre a importância que o tempo ganha nas narrativas mais contemporâneas, KOSELLECK (2006) ratifica o pensamento de HEISE (1997), pois argumenta que esse conceito passa a ser sentido na modernidade de forma distinta daquela que gozava antes, em que sua natureza era entendida antes como um pano de fundo e de caráter passivo, por assim dizer. Porém, atualmente, o tempo passa a ser visto sob outra perspectiva e assume certo protagonismo, tornando-se um agente ativo:

o tempo passa a ser não apenas a forma em que todas as histórias se desenrolam; ele próprio adquire uma qualidade histórica. A história, então, passa a realizar-se não apenas no tempo, mas através do tempo. O tempo se dinamiza como uma força da própria história (KOSELLECK, 2006: 283)

O protagonismo assumido pelo tempo no livro ilustrado analisado também encontra sua expressão na tipografia e no design gráfico escolhidos pelo grupo editorial. Segundo HEISE (1997), a experimentação tipográfica e o formato do livro contemporâneo indicariam como a temporalidade é representada. Em *Depressa, devagar* a fonte utilizada faz uma imitação de escrita cursiva, que, além de estar

mais comumente relacionada ao universo infantil, traz as letras em tamanhos desiguais e com traços nem sempre uniformes. Essa modulação gráfica é reforçada pela disposição que as frases ganham na diagramação como na página dupla 22-23 (Fig. 5). As palavras compõem com as ilustrações um cenário único, em que o aspecto visual das letras ganha primazia. A frase da página 23 (“Depressa, o que você está pensando?”) está disposta em um formato vertical e com movimento, preenchendo os espaços deixados pelas imagens, fazendo uma forte interação entre linguagens do livro e com o sentido que apresenta, já que evidencia a tessitura de ritmos que é preciso assumir diariamente, seja correndo contra o tempo ou deixando-se levar por ele.



Depressa, devagar. (Fig. 5)

É por meio do texto verbal, em conjunto com o visual, que se percebe o passar do tempo na narrativa. Detendo-me mais na vertente escrita, a tensão entre diferentes tipos temporais pode ser vista no emprego dos tempos verbais do texto. O tempo da história possui a duração de 12 horas em um dia⁴ – do amanhecer ao fim da tarde – e o tempo do discurso pode ser considerado um resumo. Apenas nas duas primeiras páginas do livro o texto possui períodos maiores que remetem ao narrador protagonista (menino) e, no restante da obra, o texto exhibe as ordens que a criança recebe ao longo do dia. As frases curtas e que oscilam de cadência, são sempre iniciadas pelos advérbios de modo ‘depressa’ e ‘devagar’, indicando as circunstâncias da ação. É interessante perceber que na sintaxe o advérbio pode

⁴ Nikolajeva e Scott (2011) afirmam que na grande maioria dos livros ilustrados não cria narrativas com lapsos temporais longos, normalmente representando apenas o período de um dia ou menos. Isso seria em função da de sua característica compacta.

alterar verbo, adjetivo ou outro advérbio, mas raramente altera um substantivo, classe que denomina as pessoas do discurso (eu, tu, ele, etc). Se o raciocínio for aplicado à narrativa, é possível entender a não modificação do substantivo pelo advérbio como a permanência do tempo interior do protagonista, pois mesmo que durante todo o dia ele receba ordens de como proceder, sua essência não seria alterada.

Em relação aos tempos verbais, eles situam o leitor ou o ouvinte no processo comunicacional da linguagem, como salienta NUNES (1995). O texto conta com grande parte dos verbos no presente do indicativo ('passa', 'faz', 'lave', 'tem', 'trabalhe'), indicando ações que estão acontecendo no atual momento da fala. O leitor acompanha as ações em frases curtas e diretas, como se estivesse assistindo ao vivo o desenrolar da trama. O emprego dos verbos no presente do indicativo vai ao encontro com o uso do enquadramento fechado nas ilustrações, criando uma esfera de intimidade com o protagonista. Além disso, as frases curtas pedem a rapidez de leitura que o momento presente solicita, evidenciando as múltiplas camadas temporais (devagar/rápido, interior/exterior) que podem coexistir em uma modalidade de tempo, no caso, o presente. Pode-se desdobrar a questão da afirmação do tempo presente para a noção temporal que as crianças detêm, muitas vezes calcada na experiência do agora. Por não terem idade suficiente para refletirem sobre o passado ou conjecturar sobre o futuro, as crianças travam com o presente uma relação muito mais forte, em que toda a sua atenção e disponibilidade é para o 'aqui e agora'. O ponto que gostaria de destacar é que a obra *Depressa, devagar*, mais do que ressaltar a importância do momento, mostra como esse presente vívido do universo infantil pode ser complexo, em que dialogam ou disputam tempos de diferentes ordens, colocando no primeiro plano a sensação de temporalidade da criança.

É relevante destacar outro aspecto explorado pelo texto, a componente musical das palavras. Há rimas nas frases, como 'nariz-triz', 'chegando-tropeçando', 'doçura-pintura', 'terra-guerra'. Como afirma RAMOS (2012), uma das tendências dos livros ilustrados contemporâneos é a reescrita da tradição oral, permeada de experimentação e por jogos de palavras. Cria-se uma espécie de lenga-lenga infantil, com características musicais que também imprimem um ritmo na leitura, trazendo leveza na apreensão do texto e simultaneamente

promovendo o diálogo com o lúdico que equilibra os tempos entrecruzados que são levantados na narrativa.

Conclusão

Como foi brevemente explanado, a representação do tempo também é pensada de maneira não cronológica no livro ilustrado contemporâneo. Muito em função das tendências vistas para esse tipo editorial (RAMO, 2011), por meio da articulação de linguagens, ele questiona a estruturação linear do tempo, colocando em pauta mais de uma temporalidade e convidando o leitor para decifrar a obra.

A articulação de linguagens e estratégias textuais e imagéticas no título mostram como o tempo exterior e o tempo interior estão sempre em tensão. NUNES (1995) comenta que o presente, o passado e o futuro são deslocáveis e que a ficção pode inverter ou desfazer a distinção entre eles de tal forma que poderia dilatá-los ou contraí-los num momento único. O livro ilustrado selecionado, *Depressa, devagar*, conjuga diferentes de temporalidades em cenas únicas, solicitando ao leitor um olhar mais acurado para a leitura da obra. Assim, a análise proposta dos mecanismos materiais da obra sob a ótica da desconstrução temporal aponta novas possibilidades de descodificação literária e ampliação tanto do embasamento teórico da literatura infantil como do repertório literário dos mediadores de leitura.

Referências bibliográficas

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Editora das Américas, 1964.
- BECKETT, Samuel. *Proust*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. 3. ed. Lisboa: Veja, 1995.
- HEISE, Ursula. *Chronoschisms: time, narrative, and postmodernism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- KAVKA, Misha. *Reality television, affect and intimacy: reality matters*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008.
- LINDEN, Sophie Van der, *Para ler o livro ilustrado*, São Paulo, Cosac Naify, 2011.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006.

MARTINS, Isabel Minhós; CARVALHO, Bernardo. *Depressa, devagar*. Carcavelos: Planeta Tangerina, 2013.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT Carole. *Livro ilustrado: Palavras e imagens*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NUNES, Benedito, *O tempo na narrativa*, São Paulo: Editora Ática, 1995.

RAMOS, Ana Margarida. *Tendências contemporâneas da literatura portuguesa para a infância e juventude*. Porto: Tropelias & Companhia, 2012.

RAMOS, Ana Margarida. “Apontamentos para uma poética do álbum contemporâneo” in *O álbum na literatura infantil e xuvenil (2000-2010)*. Vigo: Edicións Xerais de Galícia, 2011.

SOTTO MAYOR, Gabriela. *Ilustração de livros de LIJ em Portugal, na primeira década do século XXI: caracterização, tipificação e tendências*. Porto: Tropelias & Companhia, 2016.